

O SIGNIFICADO DE UMA ATIVIDADE EM SALA DE AULA, SOB O OLHAR DO ALUNO.

Coutinho, Janine¹; Pinto, Pollyana Roberta¹; Martin, Mara Westin Lemos²

¹UNIVAP / ISE (Instituto Superior de Educação), Pedagogia, R: Tertuliano Delphim Júnior, 181, Jardim Aquários, São José dos Campos, SP, janinecoutinho@univap.br

²UNIVAP / IP&D (Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento), R: Tertuliano Delphim Júnior, 181, Jardim Aquários, São José dos Campos, SP, mwl.martin@gmail.com

Resumo - O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre o significado, atribuído por um aluno em sala de aula, para realizar atividades propostas pela professora. Abordamos alguns aspectos do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança, assim como, a importância do limite e da afetividade na relação estabelecida entre professor/aluno e aluno/aluno. A pesquisa foi realizada em uma escola estadual do Vale do Paraíba, SP. A mesma teve como foco uma professora da 1ª série do ciclo I do Ensino Fundamental e seu respectivo aluno. A coleta de dados foi resultado de três dias de observações em dias alternados no mês de setembro de 2006. Ao fazer uma análise sobre os sentidos atribuídos por um aluno na realização das atividades propostas pela professora, pudemos perceber que a relação de afeto que o mesmo estabelece com seu professor e colegas de classe, juntamente com as atitudes, posturas e conteúdos aplicados por um professor, refletem direta e indiretamente no aluno, causando, motivação ou desmotivação no decorrer de suas atividades. Além disso, acreditamos que a presença do afeto no contexto da relação é de extrema importância para que ocorra um verdadeiro processo de ensino/aprendizagem.

Palavras-chave: Afetividade, Significado, Motivação, Ensino/Aprendizagem.

Área do Conhecimento: VII – Ciências Humanas

Introdução

O tema escolhido para este trabalho surgiu a partir de observações feitas em sala de aula, onde atuamos, enquanto estagiárias. Dentro dessas observações, algumas questões foram levantadas, tais como: Por que alguns alunos não realizam as atividades propostas pela professora? Existe uma reciprocidade de afeto que faz com que esses alunos façam ou não essas atividades? Quais são as possíveis atitudes que devem ser tomadas para que os mesmos sejam mais autônomos e realizem as tarefas propostas em sala?

É possível verificar que essas questões são uma constante em grande parte das escolas brasileiras. Os professores, por sua vez, que nelas atuam, têm a possibilidade de exercer ou não uma ação transformadora dentro da sala de aula. Mediando o conhecimento, o professor faz com que os alunos adquiram aos poucos confiança e autonomia de uma forma prazerosa. Assim, o aluno tem a possibilidade de construir um caminho que o torne futuro cidadão crítico na busca de atitudes e soluções mais justas dentro da nossa sociedade. Wallon (1975) se refere a:

[...] Uma escola que responda às necessidades de todos, isto é, às necessidades de cada um, e uma escola que, à medida que a inteligência se vai desenvolvendo no sentido da especialização das aptidões, responda a este progresso do espírito, no sentido da especialização ou das

aptidões particulares. (apud MAHONEY, 2004, p.121).

É sabido, que a criança ao longo da vida, desde o momento que nasce até ingressar na escola, recebe a todo o momento estímulos, sejam eles dos pais, amigos, parentes, meios de comunicação em geral, e que, quando ingressa na escola já possui algum conhecimento, adquirido entre seus familiares. Entretanto, esse ainda não foi lapidado. Cabe à escola o fazer e, conseqüentemente, ao professor, a responsabilidade para que isso se concretize. Zabala (1998), nos diz que:

[...] o ensino não deve se limitar ao que o aluno já sabe, mas que a partir deste conhecimento tem que conduzi-lo à aprendizagem de novos conhecimentos, ao domínio de novas habilidades e à melhora de comportamentos já existentes, pondo-o em situações que o obriguem a realizar um esforço de compreensão e trabalho. (p.97)

Mahoney (2004), também discute a responsabilidade atribuída ao ensino de boa qualidade, e diz que esse deve ser cada vez mais direcionado e diferenciado. Ainda, segundo a autora:

[...] cabe ao ensino oferecer pontos de referência, pré-requisitos, para que a aprendizagem se concretize na direção de conceitos cada vez mais diferenciados e mais abstratos. (p.20)

Dentro desse contexto, temos como objetivo para esse trabalho, levantar os aspectos que

demonstrem se a criança que aprende está ou não envolvida na situação de aprendizagem, quando realiza ou não as atividades propostas pela professora, contribuindo assim, com a formação de professores reflexivos. Dessa forma, visamos melhorar o processo ensino / aprendizagem.

Materiais e Métodos

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual do Vale do Paraíba, localizada em um bairro da Zona Sul de São José dos Campos, SP, sendo que os sujeitos dessa pesquisa são uma professora da 1ª série do ciclo I do Ensino Fundamental e seu respectivo aluno.

Para a escolha do sujeito, observamos durante uma semana a participação de 30 alunos na resolução das atividades que eram propostas pela professora em sala de aula. Foram estabelecidos alguns critérios para a escolha do aluno/sujeito.

O sujeito foi escolhido pelo fato de nos dar indícios claros de saber ler e escrever, entretanto brincava muito em sala. Na maioria das vezes, não copiava as atividades propostas pela professora, e em grande parte do tempo, não permanecia sentado em seu lugar. Ele tem sete anos de idade e frequentou a Educação Infantil, vem sempre uniformizado, se mostra bastante alegre, comunicativo e simpático dentro da sala de aula. Consegue obter atenção dos outros alunos quando lhe é conveniente e, é bastante perceptível que o mesmo muitas vezes é o líder nas brincadeiras no horário de recreio.

Além de uma entrevista semi-aberta realizada com a professora, foram feitas observações no decorrer de um semestre, ou seja, de março a setembro de 2006. Todavia, a coleta de dados foi resultado de três dias de observações em dias alternados no mês de setembro de 2006.

Resultados e discussão:

Ao iniciarmos nossa pesquisa, observamos, primeiramente, como eram as condições do prédio onde faríamos a pesquisa. Já no primeiro dia tivemos uma boa impressão da escola; fomos bem recebidos pela direção e administração da mesma.

Observamos todas as instalações que a escola possuía, ou seja, salas, refeitório, banheiros, quadra de esportes, biblioteca, secretaria, cantina e outros. Após averiguação geral do prédio, constatamos que a escola, além de fazer um trabalho organizado quanto aos horários e regras estabelecidas pela mesma, oferecia ainda condições dignas, tanto para os professores, quanto para os alunos de realizarem um bom trabalho escolar, no que diz respeito às instalações, segurança e outras condições que a mesma oferecia. Percebemos também que, no dia-a-dia, a relação entre os profissionais que

permeavam este contexto era de respeito e dedicação, ou seja, eram prestativos na solução de problemas ocorridos dentro do contexto escolar. André (1995), nos confirma que;

Conhecer a escola mais de perto significa colocar uma lente de aumento na dinâmica das relações e interações que constituem seu dia-a-dia, apreendendo as forças que a impulsionam ou que a retêm, identificando as estruturas de poder e os modos de organização do trabalho escolar, analisando a dinâmica de cada sujeito nesse complexo interacional. (p.111)

Em entrevista com a professora, tentamos levantar indícios sobre o aprender dos alunos em sala de aula. Durante a conversa, ela relatou que gostava muito de trabalhar na escola, que a maior dificuldade em sala era o número de alunos e os diferentes níveis de aprendizado que os mesmos apresentavam. Disse também que era sua primeira experiência com crianças de primeira série do ciclo I. Até o ano passado 2005, lecionava na segunda série do ciclo I. Relatou ainda, que a maior dificuldade era fazer com que os mesmos permanecessem acomodados e em silêncio durante a realização das atividades.

Quando questionamos sobre as facilidades, ela relatou que era difícil falar sobre as facilidades, que cada professor apresenta uma forma diferente de trabalhar, que os professores se reúnem, trocam idéias e material de qualidade para ajudar no dia-a-dia. Além disso, ela participou da Teia do Saber¹, considerando essa capacitação como um aperfeiçoamento que ajuda muito na prática de sala de aula.

Fica claro em seus relatos, juntamente com nossas observações, que a professora tinha razão ao expor suas dificuldades, tais como, excesso de alunos, diferentes níveis de lecto-escrita, falta de uma ajudante em sala e, principalmente, a dificuldade que alunos iniciantes tinham em permanecer sentados em suas carteiras, e, especialmente, em silêncio.

Acreditamos que, tanto as reações posturais, quanto o movimento dentro da sala de aula, pôde nos dar indícios claros de estados emocionais que a criança possa apresentar, como por exemplo, alegria, cólera e medo. Por sua vez, esses fatores emocionais, poderiam ser desencadeados por motivação, interesse, entusiasmo, ou até mesmo, a falta desses.

Observamos esses fatores acontecendo dentro da sala de aula. Um deles estava ligado à falta de interesse que o sujeito da nossa pesquisa apresentava, em grande parte do tempo. Era um aluno que se movimentava muito, como nos demonstra o relato a seguir:

A professora verificou que ele não havia feito o cabeçalho, chamou sua atenção

¹ A Teia do Saber é um curso de aperfeiçoamento oferecido pela Secretaria da Educação em conjunto com a UNIVAP.

dizendo: - “Lucas, eu vou mandar bilhete para sua mãe”. Ele não se incomodou com o que ela disse, e passou então a brincar no chão (deitou e fingiu estar nadando, virou e fingiu nadar de costas, parou e ficou deitado).

Consideramos a atitude tomada pelo sujeito de não copiar o cabeçalho como uma falta de interesse, visto que era um aluno que realizava as atividades somente quando a professora estava próxima cobrando, ou quando a atividade despertava o seu interesse. Ficava claro que ele queria chamar a atenção da professora. Entretanto, ela, muitas vezes ignorava suas atitudes, talvez pelo fato de ter tantos outros alunos para “socorrer”.

Em outros momentos, pudemos observar que a metodologia e as estratégias aplicadas pela professora em questão despertavam o interesse dos alunos. Uma das atividades que despertou, tanto o interesse dos alunos, em geral, quanto do nosso sujeito da pesquisa, foi o dia em que a professora, ao iniciar a aula, colocou uma figura que ilustrava a briga de dois passarinhos na tentativa de comer uma minhoca, como ilustra a observação:

Após o alfabeto, ela colocou uma figura na lousa referente ao texto “A minhoca e os passarinhos”. A figura é grande e colorida, e nela possui dois passarinhos brigando por uma minhoca.

O nosso interesse foi despertado pelo fato de essa aula ter sido diferente das outras que a professora vinha aplicando, a qual vínhamos observando desde o início do ano. Nunca havíamos presenciado, por exemplo, a professora iniciar sua aula com uma figura. Também, ao fato de termos observado a euforia que toda a sala demonstrou durante sua realização. Foi perceptível no olhar e nos gestos das crianças o quanto essa atividade os motivou, como nos mostra a observação:

Alguns alunos levantaram a mão, outros ficaram em pé, vários chamaram “professora”. Houve ainda, alunos que conversaram com o colega do lado e perguntaram se ele sabia qual era o nome da figura.

Já nos alunos, acreditamos que o interesse foi despertado pela forma como a professora iniciou sua aula, ou seja, ela fixou a figura na lousa e começou a instigá-los. Conforme suas respostas, ela escrevia no quadro. Para essa análise, trouxemos apenas alguns relatos, ou seja, a observação não foi inteiramente descrita neste artigo. Contudo, acreditamos que apenas uma parte da mesma, ajudará a contextualizar como foi o andamento desta atividade.

O primeiro aluno a responder à pergunta da professora foi Lucas, o sujeito da pesquisa. Ele disse: “ Professora, é um urubu”

A professora escreveu na lousa urubu. Outras crianças deram sua opinião dizendo: “Papagaio, galinha, gavião, minhoca, rabo, cabeça, briga, bico”.

Após a exploração da figura e o levantamento de opiniões das crianças, a professora iniciou a distribuição do texto.

Durante essa atividade, a professora deu oportunidade para os alunos expor suas opiniões. Conforme as respostas, ela ainda questionava, se todos concordavam. Com essa atitude, acreditamos que, além de conseguir obter a atenção, participação e o envolvimento de todos, proporcionou aos alunos troca de saberes significativos, todavia, diferenciados. Zabala (1998), afirma que,

Portanto, podemos falar da diversidade de estratégias que os professores podem utilizar na estruturação das intenções educacionais com seus alunos. Desde uma posição de intermediário entre o aluno e a cultura, a atenção à diversidade dos alunos e das situações necessitará, às vezes, desafiar; às vezes, dirigir; outras vezes, propor, comparar. Porque os meninos e as meninas, e as situações em que têm que aprender, são diferentes. (p.90)

O registro descrito acima foi de extrema importância para mostrarmos que durante nossas observações houve momentos em que tivemos a possibilidade de confrontar atitudes que são favoráveis para a nossa prática futura. Todavia, na continuação da aula, observamos também atitudes desfavoráveis. Uma delas ocorreu quando a professora entregou o texto, “A Minhoca e os Passarinhos”.

Observamos que o sujeito dirigiu-se imediatamente em direção à professora para pegar o seu texto e, ao sentar-se, fez o seguinte comentário:

- “Vou fazer o desenho, mas não vou ler”.

A professora respondeu dizendo:

- “É para ler sim, você sabe ler”.

Observamos que o aluno fez o desenho e as atividades, entretanto, não leu. Quando a professora disse que iria fazer a correção das atividades, ele, na tentativa de ir à lousa, falou:

- “Professora eu”, levantando a mão.

- “Você não”

- “Deixa eu professora”

- “Você não”

- “Aquiii!, eu professora”

- “Você não”

Lucas, então, sentou-se em sua carteira e ficou calado.

A professora, em nenhum momento, permitiu que Lucas, nosso sujeito, fosse à lousa fazer a correção. Com essa postura, ela evidenciou que teve a intenção de mostrar que, dentro da sala de aula, existem regras que devem ser cumpridas. Todavia, a forma como o fez, nos passou uma impressão de autoritarismo, quando o professor

manda e o aluno obedece. Acreditamos que tal postura pode gerar uma série de significados negativos por parte do aluno, como, falta de expectativa, desmotivação, e, conseqüentemente, baixa auto-estima, visto que, em nossas observações, o sujeito era um aluno que gostava de participar das correções que eram feitas na lousa. Entretanto, na maioria das vezes, a professora não permitiu que ele o fizesse. Segundo Zabala (1998),

Uma das tarefas dos professores consistirá em criar um ambiente motivador, que gere o autoconceito positivo dos meninos e meninas, a confiança em sua própria competência para enfrentar os desafios que se apresentem na classe. (p.101)

Toda expectativa que colocamos para realizar essa pesquisa nos revelou grande aprendizado. No início, pensamos em encontrar a figura de um professor que não comete erros, “perfeito”. Entretanto, com o decorrer da pesquisa, na qual fomos buscando diversos autores que nos mostrassem, tanto o comportamento da criança na fase escolar, quanto o do professor em sala de aula, essa concepção de professor foi mudando. Passamos a perceber que o professor nada mais é do que um ser humano repleto de qualidades e conhecimento, porém, com falhas também. A professora, em questão, nos mostrou em alguns momentos, falta de conhecimento teórico sobre o desenvolvimento da criança. Esse desconhecimento foi demonstrado diante de atitudes que presenciamos em sua prática, com seus alunos.

Já com Lucas, acreditamos que a falta de interesse demonstrada por ele na realização de algumas atividades, poderia estar atrelada ao simples fato de não haver nenhum desafio para ele. Como já foi dito anteriormente, sabia ler e escrever, e na maioria das aulas observadas, a professora trabalhou vogais, alfabeto e separação de sílabas. Contudo, quando a professora fez um trabalho diferenciado e o aluno respondeu à atividade sem uma cobrança apenas por obediência, percebemos que ele o fez por atribuir um sentido, ou talvez, pelo simples fato de fazê-lo sentir-se capaz.

São essas condutas, tanto do sujeito quanto do professor, que nos faz perceber que falta por parte de professor conhecimento teórico sobre a criança, pois, acreditamos que trabalhar o conceito sobre limite com regras, ajudaria o sujeito a perceber em que momentos é necessário saber esperar sua vez, seguindo as regras estabelecidas. Todavia, em outros, o sujeito teria de ser desafiado a superar o limite para o seu amadurecimento e ultrapassar a barreira do conhecimento. O desafio, quando possível de ser realizado, nos ajuda a perceber que temos potencial, fazendo com que aumentemos nossa

auto-estima e por conseqüência nosso interesse em aprender.

Conclusão

Ao finalizar esse trabalho, percebemos que, ao adentrar no universo da sala de aula, tivemos a grande oportunidade de confrontar teoria e prática, além de aprender muito sobre a relação de afeto que permeia a relação professor/aluno, nesse contexto.

Esperamos que a pesquisa apresentada seja de grande proveito para educadores que atuam na profissão, ou que estão por se formar, pois, a mesma, além de apresentar alguns aspectos da relação de afeto, ainda nos aponta, quais são as atitudes e posturas que não deveriam ser tomadas dentro da sala de aula.

Cabe a nós, futuros professores, repensar no ambiente de sala de aula, como sendo um “laboratório” de experiências e conhecimentos que precisam ser apresentados, observados e principalmente testados por nossos alunos. Todavia, essas experiências e conhecimentos devem propor desafios possíveis de serem alcançados e vivenciados de forma significativa por eles, pois, só assim poderemos formar verdadeiros cidadãos que sabem fazer uso do seu conhecimento.

Referências

ANDRÉ, M.E.D.A. **A contribuição da pesquisa etnográfica para a construção do saber didático.** In: OLIVEIRA, M.R.N.S. (org). **Didática: Ruptura, compromisso e pesquisa.** 2ª ed. Campinas: Papirus, 1995.

FREIRE, Ana Maria. **Concepções Orientadoras do Processo de Aprendizagem do Ensino nos Estágios Pedagógicos. Colóquio: Modelos e Práticas de formação Inicial de Professores, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.** Lisboa, Portugal, 2001. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/afreire.pdf>. Acesso em 11 de jul. 2006.

MAHONEY, A.A. & ALMEIDA, L. R. (orgs.) **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon.** São Paulo: Loyola, 2004.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.